

APRENDERES DO ALENTEJO



9 789898 1557896

ORGANIZADORES
LURDES PRATAS NICO & BRAVO NICO

Aprenderes DO Alentejo

O livro «**Aprenderes do Alentejo**» resulta do conteúdo das conferências e comunicações apresentadas no **IX Congresso «Aprender no Alentejo»**, realizado na Universidade de Évora, em 2017, evento no qual se mostrou uma amostra do universo de aprendizagens disponíveis no contexto da região alentejana e se discutiram os principais desafios do presente e do futuro da Educação no Alentejo.

Bravo Nico e **Lurdes Pratas Nico** são docentes do Departamento de Pedagogia e Educação da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, investigadores do Centro de Investigação em Educação e Psicologia e integram a equipa da Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora, desde a sua fundação, em 2009. São responsáveis pela organização do Congresso «Aprender no Alentejo», desde 2003.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



UNIVERSIDADE POPULAR
TÚLIO ESPANCA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA



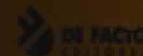
FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



diário do **SUL**



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Aprenderes do ALENTEJO

COLEÇÃO

Educação, Território e Desenvolvimento Local

CAPA E DESIGN

Carlos Gonçalves

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO

Bravo Nico

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printhus

ORGANIZADORES

Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

DEPÓSITO LEGAL

447942/18

© dos autores © desta edição
Universidade Popular Túlio Espanca
da Universidade de Évora (UPE/UE)

ISBN

978-989-8557-92-6

UNIVERSIDADE POPULAR TÚLIO ESPANCA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Apartado 9A, 7002-954
www.utulioespanca.uevora.pt

DATA

1ª Edição, Santo Tirso, julho de 2018

APOIOS

- Fundação Calouste Gulbenkian
Programa Gulbenkian Qualificação Novas
Gerações
Projetos de Desenvolvimento do Ensino Superior
Projetos Inovadores no Domínio Educativo 2014
- Centro de Investigação em Psicologia e Educação
da Universidade de Évora (CIEP)
- Departamento de Pedagogia e Educação/Escola de
Ciências Sociais da Universidade de Évora
- Diário do SUL
- SUÃO - Associação de Desenvolvimento Comunitá-
rio / Escola Comunitária de São Miguel de Machede



EDIÇÃO

DE FACTO EDITORES
Rua de S. Bento, 93, 6.º andar, sala 3
4780-546 Santo Tirso – Portugal
geral@defactoeditores.pt
www.defactoeditores.pt



RESERVADOS TODOS OS DIREITOS.
Esta edição não pode ser reproduzida nem transmitida,
no todo ou em parte, sem prévia autorização escrita da
editora.

ENTRE “CÁ” E “LÁ”, AS MÉTRICAS DO QUOTIDIANO. EXPERIÊNCIAS E SIGNIFICADOS SOBRE DISTÂNCIA E IDENTIDADE ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DESLOCADOS

Rosalina Pisco Costa¹

NOTA INTRODUTÓRIA

Aprender no Alentejo, concretamente na Universidade de Évora, significa para muitos estudantes viver temporariamente deslocado da sua residência habitual. A periodicidade da mobilidade entre residência habitual e residência em tempo de aulas pode variar entre a frequente, como semanal, quinzenal ou mensal; esporádica, apenas nas férias escolares ou uma vez por ano; e inexistente, nos casos em que os estudantes contam regressar “a casa” apenas quando tiverem concluído o ciclo de estudos que se propuseram realizar em Évora. De entre as muitas perspectivas sobre as quais essa realidade pode ser estudada, este texto explora práticas e significados associados à experiência da distância no quotidiano de estudantes universitários deslocados.

Nas páginas que se seguem são apresentados resultados exploratórios de uma experiência de ensino-aprendizagem desenvolvida no âmbito da unidade curricular “Laboratório de Análise Qualitativa”[SOC2413], disciplina semestral obrigatória, ministrada a estudantes do curso de licenciatura em Sociologia na Universidade de Évora (Portugal)². A oferta desta unidade curricular visa proporcionar aos estudantes a aprendizagem dos fundamentos teórico-epistemológicos que alicerçam a recolha sistemática, tratamento, análise e interpretação qualitativa

¹ Universidade de Évora e CICS.NOVA.UÉvora – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais; rosalina@uevora.pt

² Colaboraram neste trabalho os seguintes grupos de estudantes, aos quais a autora agradece a dedicação, empenho e entusiasmo ao longo do semestre par do ano lectivo 2016/17: [A1] A. Bação, A. Parreira, L. Costa; [A2] A. Pacheco, M. Reis, M. Ferreira, R. Pires; [A3] C. Cachola, V. Verissimo, P. Santos, D. Carrasco; [A4] C. Araújo, A. Ferreira, R. Caia; [A5] A. Homem; [A6] C. Félix, A. Ilnytska; [B1] I. Lourenço, L. Rato; [B2] T. Palaió, M. Céu, J. Rocha, M. Varela; [B3] M. Borralho, M. Caeiro, I. Ximenes; [B4] J. Ferreira, D. Ferreira, A. Caeiro, R. Rocha; [B5] M. Serrano, J. Realista, C. Mata, J. Caldeira; [B6] M. Cachucho, I. Rosa.

de dados com vista a uma compreensão empiricamente sustentada da realidade social e, de modo complementar e transversal, o aprofundamento das competências metodológicas de base necessárias à reflexão crítica sobre a natureza, contextos de recolha/acesso e limitações dos dados em presença.

Como o próprio nome indica e prescreve, esta unidade curricular tem uma componente prática bastante pronunciada. Esta orientação é considerada fundamental na preparação metodológica dos estudantes de 1.º ciclo, que através dela deverão adquirir o leque de conhecimentos e competências associados ao ofício do investigador qualitativo (Denzin & Lincoln, 2000). Motivados pelo objectivo geral de analisar e compreender de que modo a distância física contribui para a (re)construção identitária entre estudantes universitários deslocados, desenvolveram-se estratégias metodológicas várias e complementares. À aplicação de uma entrevista individual semiestruturada a estudantes inscritos e a frequentar a Universidade de Évora em 2016/17, deslocados da residência habitual, somaram-se desenhos diversificados de pesquisa, arquitectados em abordagens de tipo etnográfico, sensorial e criativo.

A pesquisa foi norteada por três objectivos específicos: (i) identificar as principais mudanças ocorridas no quotidiano dos estudantes com a deslocação da residência habitual; (ii) descrever o quotidiano dos estudantes deslocados por comparação com o quotidiano na residência habitual; (iii) compreender de que modo a distância física contribui para a (re)construção identitária em contexto universitário. Alinhado com a exploração destes objectivos, o texto que se segue desenvolve-se ao longo de três secções principais. Após esta introdução, uma breve contextualização de natureza teórico-conceptual familiariza o leitor com a diversidade de olhares, práticas e significados associados à localização das instituições de ensino superior, distância à residência e experiências de estudantes deslocados, questões já parcialmente exploradas pela autora em estudos anteriores. Em seguida, detalha-se esta experiência particular de ensino-aprendizagem com elementos relativos à metodologia empreendida tendo em vista a recolha de dados que logo após se analisam. Por fim, apresentam-se os resultados de uma análise exploratória desses mesmos dados, os quais são agrupados por referência a três dimensões: vida quotidiana, mobilidade e banalidade; distância, diferença e continuidade; distância, ruptura e (des)personalização. A concluir, faz-se o balanço do percurso trilhado, sintetizam-se ideias-chave e apresentam-se pistas de investigação futura.

Localização das instituições de ensino superior, distância à residência e experiências de estudantes deslocados: olhares, práticas e significados

Por todo o mundo, a experiência de vida universitária implica para muitos estudantes a deslocação da sua residência habitual. Quando perspectivado a partir da economia ou da geografia, este fenómeno tem sido estudado quase sempre de um ponto de vista externo ao estudante. As questões relativas à atractividade (e repulsa) de determinadas cidades e, conseqüentemente, territórios, atravessadas que são pelo perfil socioeconómico dos estudantes e suas famílias, bem como pelo prestígio e notoriedade das instituições de ensino superior, têm conduzido a um enfoque nos fluxos, dinâmicas e impactos da deslocação de estudantes no espaço e também no desenvolvimento territorial, nomeadamente ao nível das políticas públicas e das redes de ensino superior (Cullinan et al., 2013; Gibbons & Vignoles, 2012; Tight, 2007).

Já a Psicologia e a Sociologia têm sido especialmente astutas a desocultar a localização dos cursos como factor facilitador/inibidor no conjunto dos motivos apontados para o prosseguimento de estudos de nível superior. Adicionalmente, estas disciplinas têm dado contributos importantes ao olhar *para dentro* das experiências dos estudantes por relação com a distância entre a Universidade e a residência habitual: a entrada no ensino superior como momento de transição, os processos de construção de autonomia e (re)definição da identidade, o desempenho e (in)sucesso académico (Ballantine&Hammack, 2016; Chow&Healey, 2008; Dixon & Durrheim, 2004; Fisher, Murray&Frazer, 1985).

Em Portugal, estas questões afiguram-se igualmente importantes. Numa pesquisa recente sobre as determinantes e significados do ingresso dos jovens no ensino superior verifica-se que na perspectiva dos estudantes de cursos profissionais e científicos do ensino secundário e dos profissionais do contexto educativo, a localização geográfica das instituições de ensino superior, “seja pela sua distância, seja pela ausência de diversidade em determinadas zonas geográficas” (Vieira, 2018, p. 95) é sinalizada como inibidora do prosseguimento de estudos. Nas vozes dos estudantes e profissionais do contexto educativo ouvidas nesses estudos “[...] emerge também a questão das barreiras do foro emocional relacionadas com o afastamento da família e da rede de suporte social.” (Vieira, 2018, p. 96).

No caso particular da Universidade de Évora, dispomos já de um conjunto vasto e interessante de investigação acumulada sobre esta matéria, investigação essa que cobre desde as experiências de vida académica na cidade ao impacto da distância no percurso académico dos estudantes, tanto no rendimento quanto no abandono escolar. Os resultados de um estudo desenvolvido sobre a mobilidade universitária

na Universidade de Évora evidenciam uma imbricação profundada das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos quotidianos de estudantes, professores investigadores, assim como a centralidade das TIC na construção da vida pessoal à distância, como bem demonstra a elevada importância que lhes é atribuída na rotina diária, os motivos e conteúdos dos contactos e, por fim, as vantagens e desvantagens que lhes reconhecem para comunicar à distância (Costa et al., 2016). Na clarificação das razões subjacentes aos movimentos de saída de Évora por parte dos inquiridos neste estudo, sobressaem os motivos familiares ou afectivos como os mais importantes (Costa et al., 2014), aspecto que parece reforçar a importância da distância à residência habitual em contexto de mobilidade internacional.

O estudo da influência da distância entre a residência familiar e a universidade no desempenho académico dos estudantes de 1.º ciclo da Universidade de Évora veio provar que a maior parte dos alunos considera, de uma forma geral e no seu caso concreto em particular, que a distância afecta negativamente o desempenho académico. A interpretação dos resultados sugere que as causas desta influência negativa estruturam-se em duas dimensões principais, que reflectem o sentido manifesto e latente da distância. O primeiro, consubstancia-se no tempo gasto em deslocações à casa de família; o segundo, nas saudades da família e dos amigos (Costa, Vieira & Vieira, 2015; Costa, Vieira & Vieira, 2017).

Finalmente, num estudo de caso sobre o abandono escolar na Universidade de Évora as “dificuldades na gestão da distância de casa (solidão, execução das tarefas domésticas, viagens)” (Costa et al, 2015, p. 141) foram, de entre os motivos relacionados com a fase de transição/integração na Universidade, o mais apontado pelo conjunto de inquiridos para a inactivação da matrícula.

Apesar das inúmeras pesquisas e conclusões já encontradas, outras questões se levantam no aprofundamento desta temática. Nomeadamente, como são as experiências de “saída de casa dos pais” vividas pelos estudantes recém-ingressados no ensino superior? Quais as expectativas à saída? E quais os medos à entrada nessa “nova vida”, longe de casa? De caloiros a finalistas, como têm evoluído as experiências de construção de autonomia e transição para a vida adulta? E como podem estas experiências contribuir para uma (re)construção identitária de estudantes universitários deslocados da sua residência habitual? Embora exploratório, o estudo que aqui se apresenta visa contribuir para responder a esta questão maior.

NOTAS METODOLÓGICAS

Como se processa a (re)construção identitária de estudantes universitários deslocados da sua residência habitual? Com esta pergunta em pano de fundo, formularam-se três sub-questões de investigação: (i) quais as principais mudanças ocorridas no quotidiano dos estudantes com a deslocação da residência habitual?, (ii) como se caracteriza o quotidiano dos estudantes deslocados por comparação com o quotidiano na sua residência habitual?, (iii) de que modo a distância física contribui para a (re)definição identitária em contexto universitário?

Instigados a procurar a resposta a estas questões, os estudantes foram envolvidos numa estratégia de ensino-aprendizagem activa, no âmbito da qual desenvolveram um estudo de casos múltiplos (Guerra, 2006), apoiado na recolha e triangulação de dados por meio de uma entrevista semiestruturada (presencial e individual) e observação directa do quotidiano dos estudantes, sob a forma de pequenos exercícios etnográficos.

A entrevista semiestruturada (Flick, 2015) foi elaborada e testada em sala de aula com recurso à técnica de *role play*, encenada pelos estudantes. O guião de entrevista contemplou questões sobre (i) o perfil sociodemográfico do estudante, (ii) distância (conceito dimensionado em espaço, tempo e significado), (iii) quotidiano (conceito dimensionado em quotidiano actual na residência em tempo de aulas, quotidiano actual na residência habitual e quotidiano anterior na residência habitual, e (iv) identidade (conceito dimensionado em auto-identidade, hetero-identidade e alteridade).

A unidade de análise considerou estudantes inscritos e a frequentar a Universidade de Évora no ano lectivo 2016/17, deslocados da residência habitual há pelo menos 2 meses³. O recrutamento foi feito de modo intencional, a partir das redes de contacto pessoais e/ou profissionais dos investigadores (estudantes) e/ou em bola de neve (*snow-ball*).

Mediante pedido de autorização prévia, a entrevista foi gravada e alvo de uma transcrição *verbatim* auxiliada pelo *Software Express Scribe* (©NCH). No final, os dados recolhidos foram analisados de acordo com os princípios básicos da análise qualitativa de conteúdo, de tipo categorial e temática, intra-casos (Bardin, 1977; Guerra, 2006; Krippendorff, 2004; Miles & Huberman, 1994).

Numa segunda fase, os estudantes voltaram ao contacto com os entrevistados, a fim de desenvolverem exercícios etnográficos. Em pequenos grupos, cumpriram determinados períodos de observação

³ Adicionalmente, tendo subjacente a natureza pedagógica do exercício, tomaram-se como principais factores de exclusão da amostra a inscrição, por parte dos estudantes deslocados, no curso de sociologia, assim como a partilha de residência e a pertença à rede familiar/amical próxima dos elementos dos grupos de trabalho.

directa, em “episódios” da vida quotidiana seleccionados *a priori*: o fazer e desfazer da mala, o momento das refeições, a ida às compras, etc. Este exercício permitiu completar os dados antes recolhidos por meio de entrevistas semiestruturadas e aprofundá-los com recurso a uma descrição pormenorizada. Esta experiência revelou-se da maior importância, já que permitiu a estudantes observar *por dentro* a vida de (outros) estudantes. As observações foram registadas através de vários instrumentos, nomeadamente, fotografia, captura de vídeo/som, inclusive *sketch* e aguarela em alguns casos, os quais alimentaram pequenos diários de campo.

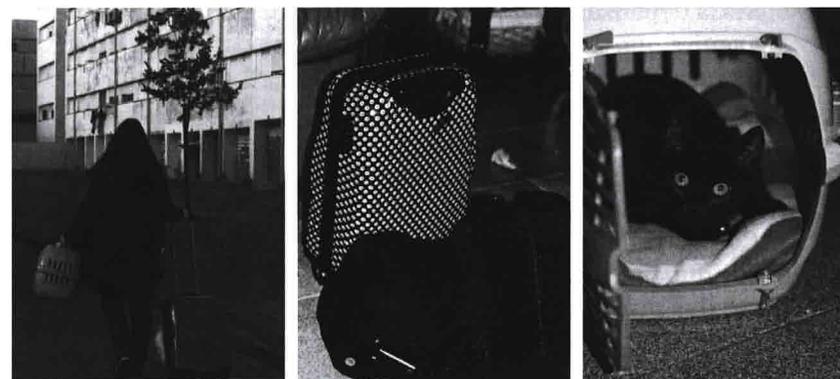
Do ponto de vista ético e deontológico, os estudantes aderiram, em todas as fases do processo de investigação, aos princípios do *Código Deontológico* da Associação Portuguesa de Sociologia (APS, 1992).

Norteadas pelas questões e objectivos de investigação, a análise triangulou de modo exploratório os diversos materiais recolhidos. Sem qualquer pretensão de generalização, as reflexões que se seguem visam tão-somente contribuir para um conhecimento mais rico e matizado em torno dos quotidianos múltiplos e diversificados de estudantes do ensino superior, deslocados da sua residência habitual.

VIDA QUOTIDIANA, MOBILIDADE E BANALIDADE

Veza há em que a mobilidade característica de estudantes deslocados da sua residência habitual parece inscrita no conjunto de hábitos e rotinas próprias da vida quotidiana, logo, anódina e banal.

Vanessa⁴ é uma jovem de 20 anos⁵, nascida em Évora, a viver no Alandroal, uma vila a cerca de 70Km de Évora, com a mãe e irmã. É aluna do último ano de licenciatura na Universidade de Évora. Em Évora está alojada numa residência universitária e tem por hábito ir todos os fins-de-semana a casa. Em baixo apresentam-se algumas das fotografias captadas aquando dos exercícios etnográficos. Estas parecem ser as imagens que fixam o quotidiano de mobilidade de Vanessa, “semana sim, semana sim”.



Autores: M. Céu & M. Varela (2017)

Fotografias n.º 1, 2 e 3 – Vista geral da saída da residência, malas de viagem e caixa transportadora do gato de Vanessa.

A conversa mantida durante a entrevista foi elucidativa quanto ao conteúdo das várias malas fotografadas. Entre “cá” e “lá” transporta-se essencialmente roupa e comida. De modo manifesto, ao final de cada semana estas malas transportam de Évora até ao Alandroal caixas de plástico vazias e roupa suja, para de novo regressarem ao final de Domingo a Évora, nessa altura cheias de comida e roupa já lavada e passada a ferro.

De modo latente, estas malas traduzem quão imbricada esta rotina de mobilidade está no quotidiano doméstico da família de Vanessa: uma casa, aqui tão perto; uma mãe que não sendo exclusivamente doméstica dedica boa parte do fim-de-semana a preparar em termos de alimentação e vestuário os bastidores da semana seguinte da filha universitária; e uma estudante que, qual gato, parece viajar para fora de casa, sem no entanto nunca delasair verdadeiramente.

DISTÂNCIA, DIFERENÇA E CONTINUIDADE

Outras vezes, os quilómetros que separam residência habitual e residência em tempo de aulas impõem uma distância que impede movimentos pendulares frequentes como os de Vanessa. Nesse caso, a diferença entre o quotidiano “cá” e “lá” é mais visível, também porque implica outros ritmos e actividades, que nalguns casos chegam mesmo a (de)marcar a diferença entre “nós” e “os outros”. Vejamos, a propósito, o testemunho de Juliana, uma estudante de 1.º ano de licenciatura. Tem 19 anos, é natural de São Miguel, Açores, onde vive habitualmente com a mãe, pai e um irmão.

E: Como descreves o teu percurso na Universidade de Évora desde que ingressaste até hoje?

⁴ Todos os nomes de estudantes utilizados de aqui em diante são pseudónimos, atribuídos pelos próprios entrevistados ou pelos investigadores.

⁵ Os dados reportam-se a 2017, ano de recolha dos dados.

e: Sei lá... [pausa]

E: Como é que descreves... Achas que...

e: Estou a gostar, mas... foi um bocado difícil ao início.

E: Ao início... Porquê?

e: [Pausa] Porque... estar longe dos pais é sempre difícil de aturar, mas quando são... quando se tem uma ligação chegada... [pausa]

E: Como avalias o teu percurso na Universidade de Évora, desde que ingressaste, até hoje? Podes falar do sentimento geral, das principais fases por que passaste e pelas principais dificuldades encontradas?

e: Como eu já disse, foi bom, apesar de difícil e fases... Talvez a fase mais difícil foi vir depois do Natal e ter que esperar até acabarem os recursos [exames], para voltar e... houve uma situação que um professor virou-se para mim e disse: “E agora em Português, por favor.” E pronto..., estava a turma toda dentro da sala...

E: E:: Sentias-te...

e: Fragilizada. Sim. [pausa]

O sotaque apontado pelo Professor representava então o indicador público da “diferença” entre “cá” [Évora] e “lá” [Açores], diferença essa que, no plano privado, Juliana tentava amenizar, nomeadamente com adaptações que fez no quarto onde vive:

e: [...] Eu trouxe coisas de casa, ‘memo do meu quarto, para tornar o meu quarto de cá, o meu [ênfase] quarto. Trouxe as cortinas, um edredom, pus umas molduras com os meus pais, com o meu irmão, com as minhas amigas de lá.

E: Porquê? Porque é que...?

e: Para me sentir mais próxima deles.

Enquanto espaço partilhado com outros estudantes, a casa parece ser, ora o espaço que a todo o momento lembra a diferença; ora o espaço que permite justamente ultrapassar essa diferença:

e: Eu vivo com uma pessoa, é uma colega de curso, por isso eu acho que a nossa relação até é bastante boa e:: sinto-me à vontade com ela, estamos sempre na sala as duas a conversar... Vivemos juntas há cerca de um ano. [...]

e: A pessoa com quem eu vivia antes era muito fechada, muito reservada, muito fechada, e eu sinto que a gente não tinha assim uma relação muito aberta para conviver na sala e assim... Estava sempre fechada no meu quarto até ela [a colega actual] se mudar lá para casa. [...]

e: No primeiro dia, por acaso, a pessoa que falou comigo pela primeira vez foi a minha colega de casa agora [pausa]. E ela começou logo a dizer “vamos à praxe” e não sei o quê..., “vai ser muito divertido”...

E: E como te sentiste?

e: ... Feliz. Por alguém ter [pausa] falado comigo, porque eu tava com um bocado de medo por causa do sotaque.

Num outro testemunho, António, de 22 anos, natural de Ponta Delgada, Açores, onde vive com os pais e o irmão, conta-nos que para aí se desloca apenas em ocasiões festivas, devido aos “gastos com a viagem”. António é aluno de Mestrado Integrado, que frequenta no último ano. Em Évora partilha casa com sete estudantes e uma das actividades que sistematicamente empreende desde que veio estudar para Évora é a de sair para fazer compras de supermercado.



Autores: A. Caeiro, D. Ferreira, J. Ferreira & R. Rocha (2017)

Fotografia n.º 4 – Cesto das compras de supermercado de António.

A fotografia n.º 4 remete para esse quotidiano, elucidado através de notas extraídas do diário de campo feito pelos estudantes aquando de uma ida às compras com António:

No dia 1 de Maio de 2017, por volta das 15h21m, António começou a preparar a mochila para ir às compras. Na mochila colocou sacos reutilizáveis, uma garrafa de água, cheques de desconto que recebeu no correio e cupões.

Às 15h35m saiu de casa e colocou os auriculares para ouvir música. Fez o percurso a pé uma vez que não tem carro em Évora. Este percurso até ao *Continente* demora cerca de 20 minutos a pé. O percurso foi feito de maneira irregular, uma vez que está sempre a olhar para o telemóvel. Durante o percurso, António recebeu uma chamada da sua mãe que lhe indicou códigos de desconto para utilizar na loja e ele

comentou que tinha de aproveitar a promoção de 15% em todos os produtos .

O contacto frequente com a mãe através de telemóvel não é o único meio pelo qual se mantêm vivas as relações entre o "lá" e o "cá". Apesar da distância, a comida pré-confeccionada congelada é um dos elementos que atesta tais relações.



Autores: A. Caeiro, D. Ferreira, J. Ferreira & R. Rocha (2017)

Fotografia n.º 5 – Comida pré-confeccionada e congelada, com origem em Ponta Delgada.

A fotografia n.º 5 retrata justamente o momento em que António descongelava no fogão uma porção de feijoada que tinha trazido congelada de Ponta Delgada. A viagem Ponta Delgada – Lisboa e Lisboa – Évora, assim como as horas de *check-in*, voo e todo o tempo que dista entre a chegada a Évora e o momento desta refeição em particular não parecem suficientes para esbater o *continuum* que por esta via se (re)conhece entre quotidianos geograficamente tão distantes. Já antes ligados também por via da mãe, através da chamada de telemóvel, estes quotidianos aproximam-se novamente, desta vez devido ao prato por si confeccionado, embalado e acondicionado em Ponta Delgada até ao momento do consumo final, em Évora, a 18 de Abril de 2017 .

DISTÂNCIA, RUPTURA E (DES)PERSONALIZAÇÃO

E vezes há em que os movimentos de deslocação entre a residência em tempo de aulas e a residência habitual durante a frequência de um curso são inexistentes. Referimo-nos, em concreto, a situações em que os estudantes regressarão aos seus países, cidades e casas apenas quando terminarem os cursos que se propuseram frequentar em Évora. Nestes casos, a ruptura impõe-se por via de uma distância maior, a que se somam experiências diversificadas de (des)personalização.

O contexto de habitação em residência universitária de grandes dimensões e tendente ao anonimato é disso exemplo. Partimos neste

caso de Pessoa, pseudónimo atribuído a um estudante de mestrado em ciências da linguagem. Tem 33 anos, é natural de Benguela e vive habitualmente em Angola. É casado e tem um filho de 2 anos de idade.

Em Évora, Pessoa vive numa residência universitária, onde partilha o quarto com um outro estudante. Entremos no seu quotidiano através da descrição pormenorizada elaborada pelos estudantes que o observaram aquando das diversas refeições do dia. A primeira descrição diz respeito ao pequeno-almoço:

No dia da observação, Pessoa levantou-se por volta das 10:30h, tomou um duche rápido, vestiu umas calças de ganga e uma *sweat*, calçou os chinelos e colocou os óculos de vista. Após estar pronto para sair, deslocou-se à cozinha do seu andar (3.º), uma das oito que a residência possui, e começou a preparar o seu pequeno-almoço.

O pequeno-almoço varia consoante a vontade de Pessoa, bem como o local onde o toma, que alterna entre a cozinha (partilhada) e o quarto, também partilhado. Aquando da observação, o observado deslocou-se à cozinha, organizou tudo e começou a preparar aquela que seria a sua primeira refeição do dia, com utensílios próprios de Pessoa, que adquiriu para esse efeito.

O pequeno-almoço escolhido foi pão com manteiga e chá, que demorou dois minutos a preparar, pois gosta mais de chá do que leite. Começou por aquecer a água no microondas, colocando a chávena em cima da mesa. Enquanto a mesma aquecia, preparou o pão, recorrendo a uma faca de plástico (do próprio) para o untar com manteiga, e no final juntou a água fervida à saqueta já pronta de chá, colocando açúcar com uma colher pequena, retirado de um pacote que comprou, pois não aprecia beber o chá sem açúcar, uma vez que o sabor lhe parece agridoce.

O pequeno-almoço ficou assim preparado, colocando tudo em cada uma das mãos (chávena e prato) e posteriormente deslocou-se para o quarto, onde hoje (como em tantos outros dias) preferiu fazer a refeição.

Já no quarto, sentou-se na cama e tomou o pequeno-almoço. Após isso, levantou-se, levou o prato e a chávena para a cozinha, lavou a loiça com detergente e uma esponja que guarda no seu quarto e limpou a loiça já lavada, como é hábito na residência, já que como a cozinha é partilhada, é regra deixar tudo como foi encontrado.

Relativamente ao almoço:

Pessoa deu início [ao almoço] às 13h30. [...] dirigiu-se ao armário do seu quarto onde tem guardados todos os seus utensílios como pratos, talheres que recolheu com o intuito de elaborar o seu almoço. Seguidamente apanhou a sua garrafa de água de 1 litro e meio, que se encontrava na sua mesa-de-cabeceira e dirigiu-se para a cozinha.

A cozinha situa-se no mesmo piso que o seu quarto. Após a chegada à cozinha colocou o seu prato e a sua água em cima da mesa e, de seguida, dirigiu-se para o frigorífico. No que toca ao frigorífico do 3.º piso, Pessoa realça o facto de esse mesmo frigorífico ser fechado por um cadeado e apenas com o código, que só o próprio sabe, o poderá abrir. Após colocar o código, Pessoa retirou a sua comida do frigorífico. Para o seu almoço, primeiro retirou do frigorífico uma marmitta, em que nela continha arroz; seguidamente retirou o frango grelhado, estando também esse guardado numa marmitta. Para além disso, retirou também um tomate, uma cebola e óleo para poder fazer a sua salada.

De seguida dirigiu-se ao 2.º piso, uma vez que o microondas do seu piso encontrava-se avariado. Nisto, aqueceu a sua comida no 2.º piso e, assim, regressou de novo para a cozinha do seu piso onde tomou o seu almoço.

Durante o almoço, três colegas seus entraram na cozinha, cumprimentaram-no e sentaram-se juntamente com Pessoa a dialogar. Um dos seus colegas sentou-se à sua esquerda, e os outros dois colegas, sentaram-se à sua frente. Após Pessoa acabar de comer fiou a conversar mais um tempo. Ao terminar o almoço dirigiu-se ao lava-loiças da sua cozinha e lavou, primeiramente o seu prato; seguidamente os talheres, o seu copo e, por fim, o seu *tupperware*. Após a lavagem, Pessoa dirigiu-se à sua prateleira e recolheu um pano e, de seguida, dirigiu-se de novo ao lava-loiças e secou o seu prato, os seus talheres, o seu copo e os seus *tupperwares* onde, por fim, voltou a guardar tudo no armário do seu quarto, permanecendo lá após o almoço.

Ao final do dia, por relação com o jantar:

Já depois das 20 horas, Pessoa levantou-se da sua cadeira pertencente à mobília da sua secretária onde estava a estudar e a fazer os preparativos finais para acabar a sua tese e tirou os seus óculos de vista. Foi em direcção ao armário do seu quarto, abriu a porta do mesmo e tirou de lá um prato,

um garfo e uma faca. De seguida abriu a porta do quarto, atravessou o corredor e foi para a cozinha que é partilhada (uma das oito que a residência possui) do seu piso (3.º).

Pousou o prato em cima da mesa e os talheres em cima do prato (um em cada lado – a faca à direita e o garfo à esquerda). Virou-se para o frigorífico, pegou no cadeado do frigorífico, introduziu o código e abriu a porta do mesmo. [...] Pegou em tudo, desceu as escadas e foi para a cozinha do piso de baixo (2.º). Quando chegou lá, abriu a porta do microondas e pôs lá o prato com a comida; enquanto isso ficou à espera com os talheres na mão direita. O prato esteve no microondas durante dois minutos. Depois abriu a porta do microondas, tirou o prato e voltou para a cozinha do piso de cima. Sentou-se à mesa de frente para a janela (na cadeira do meio) e começou a comer. [...]

Demorou aproximadamente 15 minutos a jantar. Após terminar a refeição, levantou-se da cadeira, pegou em todos os utensílios que usou para jantar, colocou-os um de cada vez no lava-loiça; lavou primeiro o prato, em segundo os talheres e por fim a marmitta de onde tirou os alimentos. Demorou 5 minutos a lavar a loiça. Durante todo este processo, estava vestido da seguinte forma: ténis, *t-shirt* de manga curta e calças de ganga.

O quotidiano de Pessoa, aqui descrito pela cadência das refeições tomadas na residência universitária onde está alojado, patenteia de modo evidente uma despersonalização do espaço onde vive ante a personalização das actividades que nele empreende, atravessadas pelos *seus* objectos, que mobiliza ao *seu* ritmo, tendo em vista a prossecução dos *seus* fins. Porém, como fica demonstrado através dos relatos de observação, despersonalização e personalização não constituem dimensões independentes; entrecruzam-se num quotidiano onde a distância (re) define em modos e tempos a ruptura entre o “cá” e o “lá”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca da resposta à questão “como se processa a (re)construção identitária de estudantes universitários deslocados da sua residência habitual?” procurámos recrutar para este exercício estudantes que frequentam a Universidade de Évora, deslocados da sua residência habitual. Gravámos, transcrevemos e analisámos entrevistas. Tomámos notas, fizemos *sketches*, fotografámos e filmámos. Observámos o quotidiano, dentro e fora de casa. Espreitámos quartos, frigoríficos e armários. Fomos às compras, observámos a preparação de refeições,

o fazer e desfazer da mala. Na preparação da viagem, a caminho da estação, seguimos par a par. Comprámos bilhete, assistimos a partidas e chegadas e à selecção do que vai e fica. Depois, com as vozes desses estudantes, fizemos as vezes do investigador qualitativo: questionámos e analisámos. Procurámos sentido e significado.

Embora exploratória, a triangulação dos dados que aqui se ensaiou dá conta de múltiplos sentidos, experiências e significados por detrás da mobilidade de estudantes universitários, deslocados da sua residência habitual. Falar desses quotidianos *a partir de dentro*, isto é, ouvindo os próprios estudantes e observando fragmentos dos seu dia-a-dia não pode senão deixar-nos mais atentos para o modo como os conceitos – e experiências – de distância e mobilidade surgem ligados de muitas formas nas rotinas dos estudantes, nem sempre coincidentes e frequentemente ocultas.

Frequentemente pensada e perspectivada a partir da dimensão internacional, entre países ou continentes mais ou menos diferentes entre si, a discussão em torno da deslocação de estudantes muitas vezes negligencia uma componente geográfica interna, de movimentos marcados por maior ou menor amplitude e frequência entre estudantes com residência habitual noutra região do país, mas também oriundos do distrito e por vezes até do próprio concelho.

Sem dúvida que todos estes casos possibilitam um conhecimento mais rico e matizado dos quotidianos de estudantes deslocados na Universidade e cidade de Évora. Espera-se que deste trabalho resulte também uma maior sensibilização da comunidade académica para as muitas possibilidades e limitações que daí advêm. Impõe-se, por isso, um estudo mais aprofundado sobre esses quotidianos, as práticas que os compõem e os significados que os atravessam. Num contexto de défice de qualificações e de necessidades prementes da qualificação da população activa (Pedrosa, 2017), pensar a integração de estudantes no ensino superior português impõe também a (des)construção de ideias pré-concebidas e aparentemente fáceis em torno da distância, mobilidade e experiência de viver como estudante deslocado. Entre "cá" e "lá" é, afinal, mais o que nos une que aquilo que nos separa.

REFERÊNCIAS

- APS (1992). *Código Deontológico*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Ballantine, J., & Hammack, F. M. (2016). *The Sociology of Education: A systematic Analysis*. New York: Routledge.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Presença.
- Chow, K., & Healey, M. (2008). Place attachment and place identity: first year undergraduates making the transition from home to university.

- Journal of Environmental Psychology*, 28(4), 362-372. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.02.011>
- Costa, R. (2017). *LabQual2017 teaser*. 00:01:00. URL: <https://www.youtube.com/watch?v=6BNMFoHXXO4&feature=youtu.be>
- Costa, R. P., Vieira, C., & Vieira, I. (2017). How far is too far? An analysis of the students' perceptions on the impact of the distance between the university and family home in academic performance. *European Review of Applied Sociology*, 10(15), 28-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/eras-2017-0007>
- Costa, R. P.; Infante, P.; Centeno, C.; Lobo, A. S.; Cristóvão, D.; Castor, M. B.; Pardal, L. (2015). *O Abandono Escolar no Ensino Superior - Estudo de Caso na Universidade de Évora* [Flip Book]. Évora: Universidade de Évora. URL: http://www.uevora.pt/ebooks/estudo_abandono_escolar_na_ue/
- Costa, R., Lopes, R., Batista, A., Patronilho, H., & Piegas, L. (2014). Mobilidade Universitária Internacional e Desenvolvimento Territorial: pontes e desafios. In *Proceedings of the 20th APDR Congress – Renaissance of the Regions of Southern Europe* (pp. 305-314). Évora: APDR. URL: http://apdr.pt/data/documents/Proceedings_20_congresso_APDR.pdf
- Costa, R.; Vieira, C., & Vieira, I. (2015). Uma análise exploratória da influência da distância entre a residência familiar e a universidade no desempenho académico. In M. a E. Chaleta (Org.), *Actas da III International Conference Learning and Teaching in Higher Education & I Congresso Internacional Ibero-Afro-Americano de Psicologia*, Vol. I – Ensino Superior (pp. 132-145). Évora: GPSA/CIEP – Universidade de Évora. URL: http://www.ciep.uevora.pt/Publicacoes/publicacoes_nao_periodicas
- Costa, Rosalina, Lopes, R., Batista, A., Patronilho, H., & Piegas, L. (2016). Quotidianos d(n)a Internacionalização: Mobilidade Universitária, TIC e Vida Pessoal à Distância. In B. Nico e L. Pratas Nico (Org.), *Didáticas do Alentejo* (pp. 97-108). Ramada: Edições Pedagogo.
- Cullinan, J., Flannery, D., Walsh, S., & McCoy, S. (2013). Distance Effects, Social Class and the Decision to Participate in Higher Education in Ireland. *The Economic and Social Review*, 44(1), 19–51.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. (Eds.). (2000). *Handbook of Qualitative Research* (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dixon, J., & Durrheim, K. (2004). Dislocating identity: desegregation and the transformation of place. *Journal of Environmental Psychology*, 24(4), 455-473. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2004.09.004>
- Fisher, S., Murray, K., & Frazer, N. (1985). Homesickness, health and efficiency in first year students. *Journal of Environmental Psychology*, 5(2), 181-195. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/S0272-4944\(85\)80016-5](http://dx.doi.org/10.1016/S0272-4944(85)80016-5)
- Flick, U. (2015). *Introducing Research Methodology – A Beginners' Guide to Doing a Research Project* (2nd ed). London: Sage.
- Gibbons, S. & Vignoles, A. (2012). Geography, choice and participation in higher education in England. *Regional Science and Urban Economics*, 42(1-2), 98-113. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.regsciurbeco.2011.07.004>
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipia.

- Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis: an introduction to its methodology* (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook* (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Pedrosa, J. (Coord.) (2017). *Educação Superior em Portugal. Uma Nova Perspetiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tight, M. (2007). The re(location) of higher education in England (revisited). *Higher Education Quarterly*, 61(3), 250-265. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2273.2007.00354.x>
- Vieira, D. A. (2018). *Determinantes e Significados do Ingresso dos Jovens no Ensino Superior. Vozes de Estudantes e de Profissionais do Contexto Educativo*. Lisboa: Press Forum, Comunicação Social S.A.